

Almeida, Carla Aurélia de (2010) “(...) é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos)”: o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interações verbais na rádio” in Brito et al., *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, pp. 127-142, ISBN 978-989-96535-1-1; disponível também em <http://www.apl.org.pt/apl-actas/xv-encontro-nacional-da-apl.html>

“(…), é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos)”: o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interações verbais na rádio

Carla Aurélia de Almeida

Departamento de Humanidades da Universidade Aberta

Versão pré-publicada

Abstract: Taking as reference an oral *corpus* consisting of verbal interactions presented in Portuguese radio phone-in programmes, we proceed to the identification of the sequential dimensions of illocutionary acts and we study the selection, made by the participants, of the discourse strategies of humour which have laughs as a conversational resource for mitigation of potential conflict in interaction. We will analyze participant’s production of *figures of enunciative distance* like irony and humour in specific interaction sequences and we will verify the way these conversational devices contribute to the maintenance of the *interactional order*.

Keywords: Interactional Pragmatics; Radio phone-in programmes; Conversational Mitigation; Footing; Discourse Strategies.

Palavras-chave: Pragmática Interaccional; Programas de conversas telefónicas na rádio; Mitigação; Alinhamento; Estratégias Discursivas.

1. Introdução

O enfoque teórico e metodológico deste trabalho é orientado por uma perspectiva semântico-pragmática da organização e funcionamento do *discurso interactivo oral* (Bronckart, 1996) processado em emissões de rádio e insere-se no âmbito do conjunto das problemáticas linguísticas que emergem no campo da Pragmática Linguística ou Pragmática das sequências discursivas (Fonseca, 1992), da Análise Interaccional (Kerbrat-Orecchioni, 1990; Heller, 2001) e da Sociolinguística Interaccional (Gumperz, 1989).

Tendo por base um *corpus* oral constituído por cinco programas de rádio portugueses (Almeida, 2005), procederemos à análise do *humor* como um dispositivo conversacional que permite a manutenção da *ordem interaccional* (*footing*, Goffman, 1981) das *trocas triádicas* (Müller, 1995), reorientando os *rumos discursivos* (Fonseca, J., 1992: 316) das interacções conversacionais nestes programas de rádio. Consideraremos, assim, as dimensões sequenciais e interactivas dos actos de discurso na interacção ou *coerência pragmático-funcional* do discurso (van Dijk, 1980) que respeita fundamentalmente às dimensões sequenciais dos actos ilocutórios (Fonseca, J., 1992: 269).

O *corpus* é constituído por emissões em directo com uma matriz dialogal que têm em conta ora temas genéricos do quotidiano, ora temas da actualidade nacional, previamente seleccionados, ou não, pelo(a) locutor(a): oito emissões do programa *Clube da Madrugada* (CM; Antena 1), cuja emissão se desenvolve entre as 2h às 6h da manhã de todos os dias úteis (1998); vinte e quatro emissões do programa *Boa Noite* (BN; Rádio Renascença) que se desenvolve entre a 0h e as 2h de todos os dias úteis (1998); quatro emissões do programa *Bancada Central* (BC; TSF), realizado entre as 21h e as 22h de todos os dias úteis (1998) para debater o futebol nacional; sete emissões do programa *Tempo de Antena* (TA; Antena 1) desenvolvido entre as 3h as 4h de Sábado (2001) e três emissões do programa *Estação de Serviço* (ES; Rádio Renascença), emissões entre as 2h às 5h de todos os dias úteis (2001). Os participantes nos programas cuja origem geográfica foi identificada repartem-se na maioria dos casos pela *Grande Lisboa* e pelo *Grande Porto*. No programa ES ganha relevo acrescido a presença de ouvintes do *Centro*. Os participantes referenciados no *corpus* são fundamentalmente do sexo masculino. Contudo, no programa BN, verificamos o predomínio de participantes do sexo feminino. Foi possível referenciar informações detalhadas que permitiram uma classificação preliminar dos ouvintes em função da pertença a um conjunto abrangente de categorias profissionais (Almeida et al., 1990): a grande maioria dos ouvintes referenciados pertence ou ao operariado da indústria, ou ao efectivo dos intelectuais e cientistas, tendo os empregados de execução um estatuto de representação não negligenciável. No programa ES, predomina o operariado; por sua vez, num programa como o BN aumenta a importância dos ouvintes que pertencem ao efectivo dos intelectuais e cientistas, algo de que também se aproxima o programa CM.

Neste *contexto institucional* (Drew e Heritage, 1992) de programas de rádio, as interacções apresentam uma clara diferenciação de *posições interaccionais* (Goffman, 1973) ou *lugares* (Kerbrat-Orecchioni, 1988: 186) que condicionam o *quadro de*

participação (Goffman, 1981) e as estratégias discursivas específicas de humor que aí são realizadas. Nestes contextos interactivos e interlocutivos, os participantes accionam um sistema de práticas, de convenções sociais e de regras de procedimento discursivo que organizam o fluxo temático (Goffman, 1974: 32) das interacções (“a ordem da interacção”, segundo Kerbrat-Orecchioni, 1990) com sinais de jogo mimético e sinais de jogo agonal (André-Larochebouvry, 1984).

Deste modo, na linha de Catherine Kerbrat-Orecchioni (1986b: 24) consideraremos que a cooperação e o conflito, “duas propriedades do diálogo” (*Idem*), ocorrem, em graus diversos, nas interacções de rádio em análise, procedendo-se ao estudo dos dispositivos linguísticos que permitem a negociação de *lugares interaccionais* (Kerbrat-Orecchioni, 1988: 186).

Teremos como objecto de análise o humor que co-ocorre com os risos, constituindo, nas interacções em apreço, uma estratégia discursiva de mitigação do conflito e consideraremos os efeitos da realização de diferentes estratégias humorísticas nas sequências de conflito potencial em confronto com o “jogo mimético” (André-Larochebouvry, 1984) que domina nestas interacções.

2. Figuras da distância enunciativa: o humor e a ironia

Nas emissões radiofónicas, os participantes, nas diversas fases da interacção, estabelecem uma comunicação que realiza a chamada “comunhão fática”, de tom mais humorístico e, não raro, nos segmentos de “jogo agonal”, os participantes accionam um dispositivo linguístico com estratégias humorísticas que constituem estratégias discursivas de *mitigação* do conflito, evitando que os participantes e o auditório se sintam ameaçados por mais tempo nas suas faces (“face work”) e possam, discursivamente, restabelecer o “equilíbrio interaccional” (Norrick; Spitz, 2008).

Estamos, assim, perante processos discursivos de indirectão, isto é, mecanismos indirectos de significação que possibilitam aos interactantes distanciarem-se do que é dito e que permitem aos locutores, que produzem sequências humorísticas com os risos, realizarem a reorientação dos rumos discursivos, agindo sobre o alocutário nos seus estados epistémicos, emocionais e comportamentais.

Estas estratégias humorísticas têm por base “(...) a simbiose entre *transgressão e cooperação*” (Mouta, 2007: 79): “(...) o locutor humorista convida o interlocutor a seguir o seu jogo (...). Daí que, no convite tácito feito ao interlocutor (...), o locutor humorista convoque não a exclusão mas antes a cumplicidade, a capacidade de inferência, a atenção aos pressupostos e subentendidos, a mobilização dos universos de referência que com ele partilha” (*Idem*).

Estamos perante um eixo de heterogeneidade enunciativa (Fonseca, 1992: 274), com a actualização no discurso de uma “vincada plurivocidade” (*Idem*: 275): “(...) o locutor suscita essas vozes para nelas se apoiar, mas fá-lo não raro para as anular ou para, após uma fase de acordo, as orientar ou delas se servir para outras conclusões ou rumos argumentativos. No fundo, e quase regularmente, para delas se distanciar”

(Idem). É o que acontece “em casos marcados de citação implícita como são os que globalmente recortam as *figuras da distância enunciativa*, como a *ironia* (...)” (Idem).

Atentemos na seguinte interação conversacional:

Tema: “Pontualidade”

Data: Maio/1998

Ouvinte n.º. 70, feminino

Pré-fecho:

Locutora: [Resumo] «Tá certo. Olhe, não há nada a fazer, definitivamente»

Ouvinte: [Asserção] «É, é só o tempo, só o tempo.»

[Asserção] «Mas eu tento.»

Locutora: [Avaliação] «Ainda bem que isso não é hereditário pelos vistos, ó C..»

Ouvinte: [Censura] «Olhe mas eu tento, mas está a ver, eu para realmente estar em conversa com... com com vocês, não é, amanhã a que horas é qu’eu me vou levantar?»

Locutora: [Acordo] «Pois.»

Ouvinte: [“tag question”] «É não é?»

Locutora: [Exclamação Irónica] «Agora a culpa é nossa.»

□Ouvinte: [Ironia] [Risos] «Ai, não sei (...) (risos).»

Fecho:

Locutora: [Acordo Conclusivo] «Está certo.»

[Termo de Endereçar + Despedida] «C. um beijinho»

[Agradecimento] «Obrigada por ter vindo.»

Ouvinte: [Minimização] «De nada.»

A construção de um *script* humorístico (Dascal, 1999: 69) permite ao interlocutor interpretar os enunciados do locutor como um discurso *lúdico*. A asserção-resumo “Olhe, não há nada a fazer, definitivamente” precedida do segmento “Tá certo”, que possibilita a distanciação da locutora de rádio relativamente ao discurso proferido pela ouvinte n.º. 70, permite a construção do humor por parte do moderador do diálogo com a asserção, na terceira vez de elocução da estrutura de pré-fecho, “Ainda bem que isso não é hereditário pelos vistos, ó C.”. Esta asserção constitui um comentário avaliativo humorístico que se baseia no *conhecimento subjacente* e faz parte de uma *doxa* que os locutores apresentam (Fonseca, 1992: 275) de que a acção social de “ser pontual” não depende de qualidades inatas, herdadas e que possibilita a preparação do fecho da interação.

Perante um acto de lamento e de censura por parte da ouvinte que entra na emissão, o locutor de rádio realiza um acto de acordo “Pois” com função de distanciação. A ouvinte, implicando esta distanciação, produz “um acto de apelo ao consenso” através da interrogativa-tag “É não é?” que possibilita o acto de ironia por parte da responsável pela emissão: “Agora a culpa é nossa”. A ouvinte, de seguida, entra no *jogo mimético* (em oposição a *jogo agonial*) da locutora seguido dos risos e do acto de ironia “Ai, não sei (...)” que co-ocorre com os risos.

Como se vê, esta troca é “um ritual lúdico” (André-Larochebouvy, 1984) que imprime à relação interlocutiva a cordialidade e a familiaridade, permitindo ao locutor de rádio encetar o fecho da interação com o equilíbrio entre as faces dos participantes.

Atentemos nesta outra estrutura de fecho da interação:

Programa: BN

Tema: “Pontualidade”

Data: Maio/1998

Ouvinte n.º. 73, feminino

Pré-fecho:

Ouvinte: [Asserção] «Olhe, mas há temas muito engraçados: os do amor, olhe os das calhandrices.»

[Asserção] «Eu acho graça que nas “calhandrices” ninguém é (...)...»

Locutora: [Acto fático de distanciação/pedido de explicitação] «Ninguém é quê?»

Ouvinte: [Asserção] «Aqueles programas que a D. já fez, portanto...»

Locutora: [Sinal de escuta] «Sim.»

Ouvinte: [Cont. da asserção] «as más línguas, e isso e aquilo.»

Locutora: [Acordo] «Pois.»

[Interjeição de reconhecimento] «Ah...»

→Ouvinte: [Ironia] [Risos] «Ninguém tem más línguas, ninguém tem nada. É tudo gente santa! (risos)»

Locutora: [Ironia] «Não, isto é sempre os outros, a nós nunca nos toca nada.»

Ouvinte: [Risos]

Este excerto de pré-fecho apresenta expressões que remetem para a função lúdica da linguagem (“fase da diversão”) ilustrada pela realização de actos de ironia em co-ocorrência com os risos da ouvinte, “sinais do jogo mimético” (André-Larochebouvy, 1984: 175).

Os actos de ironia aqui presentes são produzidos pela ouvinte n.º. 73 com os seguintes enunciados: “Ninguém tem más línguas, ninguém tem nada”; “É tudo gente santa!”. No início e no final da produção destes enunciados ocorrem os risos que denotam o modo como o interlocutor deve implicar o sentido que se quer dar ao *dito*.

Com efeito, o acto de ironia baseia-se numa *antífrase* constituída pelo afastamento, mais ou menos forte, entre o sentido literal dos actos e o sentido derivado (Kerbrat-Orecchioni, 1986a: 102)¹.

¹ Cf. a seguinte afirmação de C. Kerbrat-Orecchioni (1986a): «L’ironie implique une relation d’antonymie, ou tout au moins d’opposition, entre deux niveaux de contenu. Sans revenir sur le détail des problèmes que soulève cette figure, rappelons : 1. que seul nous intéresse ici le *trope* ironique, c’est-à-dire l’*antiphrase*, comportant un décalage plus ou moins fort entre le sens littéral et dérivé » (*Idem* : 102). Cf. também a seguinte afirmação de Laurent Perrin (1993) : « Lorsqu’elle est fondée sur une contrevérité, l’antiphrase se contente de redresser ce qui vient d’être déformé littéralement. Dans les termes de H. Morier (1961, p. 556), ‘c’est le divorce de la situation et du langage correspondant qui force l’auditeur à résoudre par l’ironie le rapport du signe à l’objet: sinon la phrase resterait disjointe du réel et inintelligible’ » (Perrin, 1993: 304).

C. Kerbrat-Orecchioni (1999) refere que, no acto de ironia, “A supõe que L, enunciando p, pensa e quer fazer compreender não-p” (*Idem* : 201).

Com este acto de ironia, a locutora de rádio supõe que a ouvinte (neste caso L1), ao enunciar “Ninguém tem más línguas, ninguém tem nada. É tudo gente santa!”, pensa e quer dar a entender o enunciado não-p: “Todos têm más línguas”; “Não há gente santa!”. A ironia permite uma “inversão semântica” com a interpretação implícita de enunciados que têm como objectivo desqualificar o referente do discurso (Kerbrat-Orecchioni, 1986a: 102) e, por isso, são realizados indirectamente (acto derivado) através de um acto literal.

Esta distinção entre sentido literal e sentido derivado permite o funcionamento da ironia que se baseia na *ambiguidade semântica* : « Une fois identifié à coup sûr le sens dérivé, celui-ci vient, au contraire, dans l’ironie, ôter toute pertinence au sens littéral : le principal intérêt de ce trope réside donc dans le brouillage sémantique et l’incertitude interprétative qu’il institue » (Kerbrat-Orecchioni, 1986a : 105).

Quando a ironia se exerce sobre uma realidade externa aos participantes da interacção em curso, a função lúdica destes actos permite criar uma cumplicidade entre eles (André-Larochebouvry, 1984 : 175).

A ouvinte nº. 73 realiza actos de ironia que co-ocorrem com os risos coniventes e que permitem à locutora de rádio produzir também um acto de ironia: “Não, isto é sempre os outros, a nós nunca nos toca nada”. Este acto de ironia realizado pela locutora de rádio apresenta o mesmo sentido semântico e o mesmo tipo de construção sintáctica que o acto de ironia produzido pela ouvinte: ao segmento da ouvinte “ninguém tem nada” segue-se o segmento da locutora “a nós nunca nos toca nada”, referindo a dificuldade que as pessoas têm de admitir “a má-língua”.

Repare-se ainda na repetição de asserções que permite a construção de um discurso humorístico. De acordo com Tannen (1989), o humor é não raro construído com a repetição de segmentos que denota o envolvimento conversacional (Tannen, 1989; Norrick, 1994): o discurso humorístico é frequentemente estruturado por um conjunto de repetições (Tannen, 1989: 70) e esta construção lúdica cria um “espaço colaborativo” de partilha (Coates, 1996: 220).

A ouvinte e a locutora de rádio realizam uma ironia “citacional” com o recurso ao dispositivo linguístico de *distanciação*: « Ironie : nous avons naguère défendu la thèse selon laquelle il convient de distinguer deux types d’ironie, citationnelle et non citationnelle. Nous le maintenons. Mais pour préciser que si l’ironie citationnelle se caractérise par l’existence de deux émetteurs distincts dont l’un reproduit ironiquement les propos de l’autre, l’ironie non citationnelle est le fait d’un émetteur unique, mais dédoublé, mais clivé » (Kerbrat-Orecchioni, 1986a : 150).

Deste modo, este dispositivo conversacional revela a polifonia do discurso; a pluralização do sujeito no discurso (Ducrot, 1980) permite distinguir que há uma divergência entre o que o enunciador diz (sentido literal) e o que o locutor implícita (sentido derivado) pela ironia. A interpretação destes actos encontra-se no valor ilocutório (derivado e/ou implicado) que o locutor calcula enquanto “ser do mundo”

(Ducrot, 1980; Marques, 2000) e a partir do seu *conhecimento enciclopédico* (Kerbrat-Orecchioni, 1986a).

3. O humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) nas emissões de rádio

Em Almeida (2005), referimos a ocorrência de estratégias humorísticas produzidas pelo ouvinte que permitem equilibrar a relação interlocutiva, estabelecendo um *espaço interaccional* dominado pela partilha e pela solidariedade entre os participantes. Estas acções e estratégias discursivas constituem códigos e normas conhecidas pelos falantes que assinalam a “pertença ao grupo” (Diamond, 1996: 76) e constituem “estratégias de solidariedade” (*Idem*: 74) e os risos revelam a ratificação interaccional de um discurso na rádio (“radio phone-in programmes”) marcadamente consensual.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1986b: 24), a cooperação constitui o termo não marcado de uma interacção conversacional e o conflito o termo marcado, variando em grau no discurso: o conflito pressupõe unilateralmente a cooperação (*Idem*).

Nos segmentos de discurso agonal, verificamos que os risos têm um papel “anti-orientador” (Kerbrat-Orecchioni, 1987: 17) relativamente à ameaça que actos ilocutórios específicos possam provocar e constituem, nestes contextos, “marcadores não verbais de distanciação” (*Idem*).

A análise do funcionamento da co-ocorrência das sequências humorísticas com os risos permite-nos verificar de que modo este dispositivo discursivo possibilita a L1 a distanciação do tom polémico e controverso do discurso de L2 que está a desenvolver o tema e repõe, deste modo, a *ordem interaccional* característica deste tipo de emissões. Com efeito, em segmentos de tom humorístico “interaccionalmente agressivos” (Norrick; Spitz, 2008) que ocorrem no contexto específico de emissões sobre temas polémicos (como as emissões sobre temas mais da actualidade política nacional), verificamos que o tom polémico deste discurso (Hutchby, 1996a) é produzido através de segmentos discursivos que constituem actos de crítica às posições discursivas assumidas por outros ouvintes intervenientes no espaço das emissões radiofónicas. Estes actos constroem, por sua vez, o locutor de rádio, representante institucional da estação, a uma certa distanciação e à produção de actos de asserção como forma de contra-argumentação, seguidos da realização de estratégias discursivas de humor que co-ocorrem com os risos como forma de gestão da polemicidade do discurso. Em segmentos de maior polemicidade, ocorrem ainda actos mais ameaçadores das faces do auditório menos adequados às convenções sociais de cortesia que constroem o locutor de rádio a produzir actos com o valor ilocutório de aviso ou de conselho que co-ocorrem com a realização de estratégias discursivas de humor.

3.1. A manutenção da *ordem interaccional*: o “script humorístico” que co-ocorre com os risos

A propósito da *ordem interaccional* existente nas conversas telefônicas na rádio de tom mais controverso, Ian Hutchby (1996b) refere que o poder dos locutores de rádio está nas acções comunicativas que estes podem desenvolver em detrimento da possibilidade de os ouvintes as realizarem (*Idem*: 36).

No momento de desenvolvimento destas interacções, cabe aos locutores de rádio a realização de actos de pergunta e aos ouvintes darem a resposta que inicia o encadeamento discursivo sobre o tema das emissões.

Os próprios ouvintes explicitam este modo de realização das emissões com asserções de carácter humorístico com o conteúdo proposicional <o ouvinte produzir longas intervenções sobre o tema em análise em face de um(a) locutor(a) que escuta>:

Programa: BN
Data: Maio de 1998
Tema: “A correspondência”
Ouvinte Feminino; nº. 435

Desenvolvimento:

→Ouvinte - Bem não sei se tem mais alguma coisa pra dizer (gargalhada da locutora), a senhora já que eu que tenho muito que dizer, não é? (Riso)

Locutora - Pois é.

Esta ouvinte realiza um acto de *pergunta retórica*, o que constitui também uma actividade que altera a *ordem interaccional* deste tipo de programas e mitiga o conflito potencial, com a realização de um *script* humorístico de distanciamento em relação ao que é dito que co-ocorre com o riso, sinal anti-orientador da ameaça potencial.

Atentemos neste outro excerto:

Programa: BN
Data: Abril de 1998
Tema: “Pena de morte”
Ouvinte Feminino; nº. 194

Pré-fecho:

Ouvinte – Não era, diga lá?

Locutora – Isso eh... eu não estou aqui pra tirar conclusões nenhuma, estou aqui pràs ouvir (risos).

Ouvinte – Pois, pois com certeza. Então mas com certeza que era, pois.

Perante a ordem interaccional alterada, a locutora de rádio produz uma sequência de desacordo que ocorre com os risos. Estes últimos têm um “papel anti-orientador” e a distância que eles criam em relação ao que é dito (Kerbrat-Orecchioni, 1987) permite a mitigação dos valores ilocutórios mais ameaçadores das faces dos interlocutores (Fraser, 1980: 341).

Quando o ouvinte quer referir nomes, não raro, os locutores de rádio realizam actos com o valor ilocutório de aviso que se integram na classe dos actos directivos (Searle, 1982):

Programa: BN

Data: Maio de 1998

Tema: “A pobreza”

Ouvinte masculino; Economista; nº. 210

Locutora - Ó J. não diga, você traz-me os nomes todos aqui prò programa (risos).

Para mitigar os valores ilocutórios mais ameaçadores do auditório, os locutores destes programas de rádio realizam actos com o valor ilocutório de aviso. Estes são semelhantes aos actos com o valor ilocutório de conselho: no primeiro caso, valem como o assumir que o acto Q não é do interesse do alocutário e, no segundo caso, que o acto Q é do interesse do alocutário.

Searle refere que os actos ilocutórios de aviso têm como efeitos perlocutórios possíveis permitir que o alocutário destes actos “tome consciência” da necessidade de não realizar um determinado acto (Searle, 1984: 37), neste caso, não elencar os nomes das pessoas que realizam acções específicas.

Perante os dados polémicos que o ouvinte apresenta, a locutora procura estabelecer o consenso com o recurso à voz comum (a *doxa*) em tom de brincadeira com a realização do riso:

Programa: BN

Data: Maio de 1998

Tema: “A pobreza”

Ouvinte masculino; Economista; nº. 210

Locutora - Mas se toda a gente ganhasse isso já não estaríamos tão mal (riso).

Em segmentos mais controversos, a locutora de rádio procura ser a voz do consenso com a realização de perguntas retóricas em tom humorístico e que co-ocorrem com o riso para atenuar o acto de crítica realizado pelo ouvinte:

Programa: BN

Data: 14/10/98

Tema: “A regionalização”

Ouvinte Masculino; nº. 144

Ouvinte - (Riso de ambos) - Então vamos lá tentar. Eh... em primeiro lugar eu gostaria de referir que aquilo que o senhor disse eh... anteriormente eu apoio 100%. Porque é assim: eh se realmente as as regiões de Lisboa e do Porto abdicassem de verba

para o Interior, quando falo em Interior eu falo em Trás-os-Montes, falo na Beira, falo no Alentejo, eh era ótimo.

Locutora - Pois era.

Ouvinte - Por outro lado, eh...

→ Locutora - Mas já viu alguém abdicar seja do que for? (riso)

Ouvinte - Ora, ora aí está. Eh... por outro lado, o dinheiro que vamos que vamos investir na mon na montagem do aparelho regional, vamos lá falar, será que não era melhor empregue na construção de escolas, de hospitais, de estradas, de tanta coisa.

Este tipo de perguntas veicula “(...) uma resposta directa àquilo que ela própria supostamente pergunta” (Rodrigues, 1998: 56) e, por isso mesmo, esta pergunta retórica funciona pragmaticamente como uma asserção com o mesmo conteúdo semântico da asserção anteriormente realizada pelo ouvinte, estabelecendo o consenso entre os participantes. Esta estratégia argumentativa de orientação dos sentidos do discurso é reforçada pelo riso da locutora: “Mas já viu alguém abdicar seja do que for? (riso)”.

Perante esta orientação do sentido, o ouvinte reage com um “regulador verbal” que marca o acordo “Ora, ora aí está”, retomando de imediato a sua vez de elocução para continuar o discurso. O locutor de rádio, por sua vez, assume o seu papel de organizador e estruturador das trocas interaccionais, realizando “reguladores verbais” que permitem não só a cedência da vez ao ouvinte, mas também demonstram que o discurso resulta da co-construção dos sentidos.

Não raro, são os locutores de rádio que fornecem contra-argumentos, acabando por realizar uma asserção que permite resumir o que foi dito pelos ouvintes. Com este dispositivo de fecho através da produção de uma asserção-resumo, os representantes das estações de rádio revelam o poder na gestão da interacção (Hutchby, 1996b: 18), explicitando, perante o auditório, a interpretação das intervenções dos ouvintes:

Programa: BN

Data: 14/10/98

Tema: “Regionalização”

Ouvinte Masculino; n.º. 126

Ouvinte - Um país tão pequeno, em que eh tem a dimensão de qualquer região da Espanha ou da França, não sei quê, que deixe partilhar isto, francamente, quer dizer, é absolutamente incompreensível, são mais daqui a pouco aqueles que querem governar um país de poucos habitantes e um e uma direcção pequena, uma área pequena, francamente.

Locutora - Sim senhor. Portanto quanto a si...

Ouvinte - É um absurdo.

→ Locutora - ficamos assim mesmo, não é? (Riso de ambos)

Ouvinte - (Riso) Eh sim senhor.

Nestes contextos interaccionais, os risos de ambos os interlocutores constituem “marcadores não verbais de distanciação”, permitindo a atenuação ou mitigação da

ameaça de um acto ameaçador de crítica (“face threatening act” = FTA) e tendo, assim, um “papel anti-orientador” (Kerbrat-Orecchioni, 1987: 17).

Atentemos nesta outra estratégia humorística que co-ocorre com os risos e que demonstra a mobilização dos universos de referência compartilhados:

Programa: Estação de Serviço

Ouvinte nº. 393, masculino, Furadouro, Camionista.

Abertura

Locutor - Então este... começou cedo esta semana, não?

Ouvinte - Oh, olhe, a semana pra mim começa sempre ao domingo.

Locutor - Ao domingo, pois, vocês têm essa vantagem ou desvantagem, não sei bem, porque também acabam mais cedo do que os outros, não é?

Ouvinte - Ah... ah... não sei quando.

→Locutor - (gargalhada) Estou aqui a meter-me consigo.

Ouvinte - Então começa aqui, começo no domingo à tarde e acabo na... na madrugada de sexta pra sábado.

Locutor - Na madrugada de sexta pra sábado?!

Ouvinte - Pois.

Locutor - Ih meu Deus! É uma semana longa!

→Ouvinte - Aqui trabalha-se, não é como aí em baixo.

Locutor - (gargalhada) Eu não percebi bem, essa foi pra quem, mas está bem.

Neste excerto, verificamos que os interlocutores convocam uma *doxa* que partilham e que diz respeito ao lugar comum de que só as pessoas do Norte trabalham, sendo o humor uma forma de os interlocutores se distanciarem do que é dito e criarem um espaço de interlocução caracterizado pela “heterogeneidade enunciativa” (Fonseca, 1992). Esta última é criada pela convocação de múltiplas vozes no discurso no quadro da construção de um *script* humorístico que denota o “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982; Tannen, 1989).

Com efeito, para Gumperz, o envolvimento conversacional é a base de toda a compreensão linguística: “(...) a compreensão pressupõe o envolvimento conversacional. Uma teoria geral das estratégias discursivas tem, por conseguinte, de começar por especificar os conhecimentos linguísticos e socioculturais que têm de ser partilhados para se manter o envolvimento conversacional e depois terá de lidar com a determinação dos aspectos da inferência conversacional que levam à especificidade cultural, subcultural e situacional da interpretação” (Gumperz, 1982: 2-3).

3.2. A gestão da polemicidade do discurso: o humor como regulador do “equilíbrio interaccional”

Não raro, nos programas em análise, o locutor de rádio faz a gestão da polemicidade do discurso com a realização sucessiva de contra-argumentos e, como

forma de estabelecer o fecho com o “equilíbrio interaccional” da relação interlocutiva, desenvolve estratégias humorísticas.

Atentemos no seguinte exemplo:

Programa: BN

Data: 14/10/98

Tema: “A regionalização”

Ouvinte Masculino; n.º. 133

Ouvinte - Isto, agora em relação a dizer o que é que podiam esclarecer a nível de... da regionalização é se realmente se ia haver esse reforço, não é, ou se as pessoas continuam a tar afastadas de... das decisões, de tão longe... e eu julgo com as Câmaras Municipais é que deveria funcionar. E isso nós já temos.

Locutora - Mas eh... se calhar reforçar-se-ia um bocadinho mais, não? Nós já temos e às vezes não não não é o que é necessário, não é o que nós queremos.

Ouvinte - Sim mas mas depois vai haver sedes, não é, pelo qu’eu percebo. Vai haver o centro de decisão, há-de haver sempre alguém que vai ficar longe. Embora haja uma região alguém que fica mais longe do poder de decisão, se calhar da da daquela cidade, há sempre uma cidade mais para o interior, uma aldeia mais esquecida. Não será que as pessoas não vão depois ainda abandonar mais as aldeias e ir mais pra esses sítios onde há o poder de decisão?

Locutora - Abandonar mais os pequenos os pequenos locais, os pequenos municípios?

Ouvinte - (...) Exactamente. E depois, vamos lá a ver, nós temos grandes Municípios, vamos (...) do Porto, Lisboa, as grandes cidades, não é?

Locutora - Não, nós em Portugal temos a tradição dos grandes Municípios de saco, porque em relação a outros países da Europa os nossos concelhos são grandes.

Ouvinte - Exactamente. E será que depois aqueles pequenos não vão ser mais abafados ainda? Em vez de de se apoiarem esses centros pequenos, que são tão bonitos, onde se pode viver, onde se vive bem. Por exemplo Caxias, é uma zona onde se vive bem, onde a pessoa vai vai, vamos lá a ver, vai ò... ò... ò café, leva carro, pára à porta do café, vai à farmácia, estaciona à porta da farmácia, quer dizer, tem coisas tão bonitas dentro (...)

→Locutora - (...), é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos).

Observemos, agora, sequências que contribuem para a polemicidade e a construção de um discurso claramente argumentativo.

Com o objectivo de polemizar o discurso, a locutora de rádio realiza um acto de pergunta orientada de polaridade positiva:

Locutora - Mas eh... se calhar reforçar-se-ia um bocadinho mais, não?

A locutora de rádio polemiza o discurso ao fornecer uma resposta que não corresponde à expectativa que a pergunta do ouvinte fazia pressupor:

Locutora - Não, nós em Portugal temos a tradição dos grandes Municípios de saco, porque em relação a outros países da Europa os nossos concelhos são grandes.

O ouvinte ratifica a resposta e, de seguida, produz uma pergunta retórica que equivale a uma asserção de sentido correspondente ao da proposição de polaridade inversa àquela que serve de suporte à elaboração da interrogação, isto é, a pergunta retórica que é negativa sugere um sentido positivo:

Ouvinte - Exactamente. E será que depois aqueles pequenos não vão ser mais abafados ainda?

Com esta pergunta retórica, o ouvinte está constringido a abrir uma sequência de explicação:

Ouvinte - Em vez de de se apoiarem esses centros pequenos, que são tão bonitos, onde se pode viver, onde se vive bem. Por exemplo Caxias, é uma zona onde se vive bem, onde a pessoa vai vai, vamos lá a ver, vai ò... ò... ò café, leva carro, pára à porta do café, vai à farmácia, estaciona à porta da farmácia, quer dizer, tem coisas tão bonitas dentro (...)

Esta sequência de asserções explicativas permite a realização, por parte da locutora de rádio, de uma asserção avaliativa como forma de imprimir ao discurso um tom humorístico e de permitir o estabelecimento de um discurso consensual.

Com efeito, perante o tom controverso desta sequência discursiva, a locutora procura repor o tom geral de consenso com um acto expressivo de tom humorístico:

Locutora - (...), é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos).

Este tom humorístico permite à locutora de rádio distanciar-se do tom polémico e controverso do modo como o ouvinte está a desenvolver o tema e constitui uma forma de repor a *ordem interaccional* da emissão.

Conclusão:

As interacções conversacionais em análise revelam a co-construção dos sentidos desenvolvidos.

Robert Bouchard (1988) refere que as conversações constituem uma espécie de palimpsesto construído progressivamente, de forma dinâmica e negociada, pelos participantes, sendo o locutor o seu primeiro ouvinte (*Idem* : 118).

As estratégias humorísticas que co-ocorrem com os risos (“marcadores não verbais de distanciação”) contribuem para a atenuação/mitigação do conflito eventual de actos de discurso potencialmente ameaçadores e constituem recursos linguísticos de manutenção da *ordem interaccional* do discurso institucional dos programas de rádio em análise, tendo diversos efeitos na interacção: estas estratégias humorísticas permitem a marcação de “pertença a um grupo” específico, com a demonstração da partilha de práticas discursivas que imprimem à relação interlocutiva a cordialidade e a

familiaridade (a repetição de segmentos nas sequências de tom humorístico denota o *envolvimento conversacional* no jogo interaccional); nas sequências discursivas marcadas pela polemicidade, verificamos que a produção de asserções humorísticas, a realização de perguntas retóricas, sempre com os risos dos locutores de rádio, constituem estratégias de mitigação de actos potencialmente ameaçadores e possibilitam o fecho de sequências com a *acomodação intersubjectiva* das faces dos interlocutores.

Deste modo, nas interacções em apreço, as *figuras de distância enunciativa* (Fonseca, 1992: 275), como a ironia e o humor, são interpretadas como estratégias anti-ameaçadoras e fazem parte do *conhecimento compartilhado* dos interlocutores que as avaliam positivamente.

O cálculo interpretativo (implícito conversacional) destes dispositivos permite que estes sejam avaliados positivamente. Com efeito, segundo Joaquim Fonseca, “faz parte do universo de saberes supostamente partilhados pelos interlocutores um sistema de referência e de avaliação do mundo que permite aos falantes avaliar positivamente, ou negativamente, os conteúdos das suas produções discursivas” (Fonseca, 1992: 316).

Os ouvintes, perante asserções polémicas realizadas por eles próprios, procuram restabelecer o *equilíbrio interaccional* com a produção de sequências de humor e de ironia, interpretadas positivamente pelos locutores de rádio e, frequentemente, repetidas também por estes últimos, criando um espaço colaborativo de consenso; por seu lado, os locutores de rádio, perante a realização, por parte dos ouvintes, de actos de pergunta que alteram momentaneamente a *ordem interaccional* destas emissões e em face de asserções com um conteúdo proposicional polémico (reveladores de estereótipos sociais), produzem, frequentemente, asserções de tom humorístico e perguntas retóricas, que co-ocorrem com os risos (“papel anti-orientador” da ameaça).

Estas estratégias humorísticas permitem a distanciação do locutor em relação ao que é dito, mitigam os valores ilocutórios potencialmente mais ameaçadores e possibilitam o fecho das sequências discursivas com o estabelecimento de um jogo lúdico que denota a colaboração entre os interlocutores.

Referências

- Almeida, João Ferreira de *et al.* (1990) Estudantes e amigos, trajetórias de classe e redes de sociabilidade. *Análise social*, 105-106, pp. 193-221.
- Almeida, Carla Aurélio de (2005) *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*, Dissertação de Doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta.
- André-Larochebouvy, Danielle (1984) *La Conversation quotidienne*. Paris : Didier.
- Bouchard, Robert (1988) La conversation – palimpseste. In Cosnier, J.; Gelas, Nadine; Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.) *Échanges sur la conversation*. Paris : CNRS, pp. 105-121.
- Bronckart, Jean-Paul (1996) *Activité langagière textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Paris : Delachaux et Niestlé.

- Coates, J. (1996) *Women talk. Conversation between women friends*. Cornwall: Blackwell.
- Dascal, Marcelo (1999) L'ethos dans l'argumentation: une approche pragmatique. In Amossy, Ruth (org.) *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*. Paris : Delachaux et Niestlé, pp. 61-73.
- Diamond, Julie (1996) *Status and Power in Verbal Interaction. A study of discourse in a close-knit social network*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- van Dijk, T. A. (1980) The semantics and pragmatics of functional coherence in discourse. *Versus, quaderni di studi semiotici*, 26/27, pp. 49-65.
- Drew, Paul; Heritage, John (eds.) (1992) *Talk at Work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ducrot, Oswald (1980) Analyses pragmatiques. *Communications* 32, pp. 11-60.
- Fonseca, Joaquim (1992) *Linguística e Texto/Discurso - teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Fraser, Bruce (1980) Conversational mitigation. *Journal of Pragmatics* 4 (4), pp. 341-350.
- Goffman, Erving (1973) *La Mise en scène de la vie quotidienne*. 1, 2. Paris : Les Éditions de Minuit.
- (1974) *Frame Analysis*. New York: Harper and Row.
- (1981) *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Gumperz, John (1982) *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1989) *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. La Réunion : L'Harmattan.
- Heller, M. (2001) Discourse and interaction. In Schiffrin, D. et al. (eds.) *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford/ Massachusetts: Blackwell.
- Hutchby, Ian (1996a) Power in discourse: the case of arguments on a British talk radio show. *Discourse and Society*, vol. 7, 4, pp. 481-497.
- (1996b) *Confrontation Talk. Arguments, asymmetries and power on talk radio*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1986a) *L'Implicite*. Paris : Armand Colin, 2^{ème} édition.
- (1986b) Nouvelle communication' et 'analyse conversationnelle'. *Langue française*, 70, numéro 1, pp. 7-25.
- (1987) La description des échanges en analyse conversationnelle: l'exemple du compliment. *DRLAV*, 36-37, pp.1-53.
- (1988) L'«échange» comme unité transphrastique dialogale. L'exemple de l'excuse. *Modèles linguistiques*, Tome X, Fascicule 2, pp. 83-103.
- (1990) *Les Interactions verbales*. I.Paris : Armand Colin.
- (1999) *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris : Armand Colin, 4^{ème} édition .
- Marques, M. Aldina (2000) *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar. A organização enunciativa no debate da interpelação ao Governo*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.

- Mouta, Margarida (2007) Os jogos de linguagem e a aquisição de uma ‘competência humorística’ em PLE. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 2, n.º. 1, pp. 77-102.
- Müller, Frank Ernst (1995) Trilogue et ‘double articulation’ de la conversation radiophonique. In Kerbrat-Orecchioni, C.; Plantin, C. (orgs.) *Le Trilogue*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, pp. 201-223.
- Norrick, Neal R. (1993) *Conversational Joking. Humor in everyday talk*. Bloomington: Indiana University Press.
- (1994) Involvement and joking in conversation. *Journal of Pragmatics* 22 (3/4), pp. 409-430.
- Norrick, Neal; Spitz, Alice (2008) Humour as a resource for mitigating conflict in interaction. *Journal of Pragmatics*, 40, pp. 1661-1686.
- Perrin, Laurent (1993) Opinion et lieu commun dans l’ironie. In Plantin, Christian (org.) *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. Paris : Éditions Kimé, pp. 301-311.
- Rodrigues, Conceição Carapinha (1998) A sequência discursiva *pergunta-resposta*. In Fonseca, Joaquim (org.) *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo II. Porto: Porto Editora, pp. 11-220.
- Searle, John R. (1982) *Sens et expression*. Paris: Minuit.
- (1984) *Os Actos de Fala*. Coimbra: Almedina.
- Tannen, Deborah (ed.) (1989) *Talking Voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.